

Versos e Reversos de Minh'Alma



Vera Sonia Abrão

Índice

	Páginas
Apresentação I	04
Apresentação II	05
Primavera Primeira	06
Egoísmo	07
Prece para o amor se findar	08
O amor	09
Busca II	10
Tua presença	11
O que amo em você	12
Teus olhos	13
Busca I	14
Soneto ao amor	15
Eu te amo	16
Chove	17
Só você	18
Tu nem sabes	20
Quero!	21
Credo	22
O poeta I	23
Espectáculo da vida	24
Veleiro	25
Um dia... Quem sabe	26
Vontade	27
Em tudo, em todos...	28
O poeta II	29

Reflexões	30
Saudade no crepúsculo	31
Faz algum tempo	32
Pingos d'água	33
Poeta pedreiro	34
Lamento negro	35
Fatalismo	36
O céu	37
Carnaval do poeta	38
Restos de domingos...	39
Poeta-pescador	40
Liberdade	41
Arcadas	43
Fato	44
Bom dia, senhora	45
Tragédia	46
Ao nosso menino amado	47
Por favor	48
Esta chuva...	49
Agredir ou agradecer	50
Feliz Ano Novo	51
Rebeldia	52
Procura-se	53
Mãe: Chicote na mão, salmoura no coração	54
Bendito seja...	56
Ao nosso querido menino	57
Hospital São Judas Tadeu	58

APRESENTAÇÃO I

“**VERSOS E REVERSOS DE MINH’ALMA**”, traduz o mundo inteiro da poetisa Vera Sonia Abrão. É preciso desnudar seus versos para melhor conhecê-la.

De alma sensível e coração florido sabe imprimir tons às idéias com profusão de palavras e metáforas. Vera Sonia nasceu poeta, como fada retirada inspiração o argumento para seu verso.

De formação humanística, encontrou na literatura e nas Arcadas da São Francisco, o motivo maior para fazer-se advogada apóstola do Direito e da Justiça, renegando o desconforto da injustiça.

Serviu-se do mundo externo e interno para lançar a bateia do garimpo, recolhendo motivações da natureza, do eu profundo, dos sentimentos, da beleza, da dor.

De suas poesias, reconhecemos versos fortes, belos, carregados de imagens de alegorias da vida e da morte, do amor e desamor, capazes de despertarem nós o requinte de suas sutilezas, diante do espetáculo de uma existência, cada vez mais tocada de valores materiais, oferecendo-nos o tônus espiritual que imprime o verdadeiro sentido à vida.

Ao lado desta linguagem fluente e lírica, os versos de Vera Sonia, são livres, em sua maioria.

Uma criação personalíssima, simples fixação de um pensamento que já apareceu com harmonia inata, isto é, “a poesia nasce com a idéia e vai com ela e morre onde ela morre”.

Só nos resta guardar num fragmento do coração, este registro lírico de incito amor, feito por alguém de alma delicada, sensível, que todas as almas sensíveis compreenderão e amarão, através da singeleza e amplitude de seus versos.

Barretos, Maio, 1992.

Chamissi Zauith - Membro da Academia Barretense de Cultura

APRESENTAÇÃO II

Esta obra vem ao encontro dos corações sensíveis á beleza da poesia pura, rica de idéias com profusão de palavras e metáforas.

A autora nasceu poeta, como fada retira da inspiração o argumento para seus versos.

Sua formação humanística permite-lhe permear profundamente os significados da vida, da beleza, do amor e da morte.

Através de seus versos, Vera Sonia nos mostra os caminhos da vida até descortinar o extremo horizonte, onde a palavra rica de significados atinge o tónus da existência.

Sua linguagem é fluente e lírica, livre em sua maioria.

Resta-nos guardar estes fragmentos de sua alma embevecida e glorificá-la através da acrobacia de seus vôos em busca do infinito.

Barretos, 17 de agosto de 2011.

Chamissi Zauith - Membro da Academia Barretense de Cultura

Primavera Primeira

[Interpretação: José Vicente Dias Leme](#)

É primavera, a primeira depois de nós.

Noto que as flores este ano são mais belas.

Os miosótis mais azuis, as rosas mais amarelas.

Os pássaros afinaram melhor sua voz.

Primeira Primavera de nossas vidas, que pelos ontens,
andaram perdidas, mas que prometem juntas cumprir,
caminhos de paz e muito sorrir.

Em meu interior brotou uma flor única, em todo o
universo.

Sem pétalas de tristeza ou dor, no canteiro bem cuidado
do meu verso.

Tem aroma de um amor magistral.

Quero florir em você, meu vaso de cristal.

Egoísmo

[Interpretação: José Henrique de Freitas](#)

Gostaria que você, fosse um beija-flor!

E que em todo mundo, fosse eu, a única flor.

Prece para o amor se findar

Interpretação: Luiz Antonio Batista da Rocha

Senhor! Preciso que este afeto se dilua, igual à rosa se desfazendo em pétalas, quando já perfumou o Universo...

Igual ao sol se recolhendo no horizonte, após haver fortalecido raízes, amorenando gente, secando chuvas.

Senhor! Que esta ternura se linde, sem mágoas, pranto, tédio, ódio, igual ao sono, silenciando a criança, que cumpriu sua missão ele brincar.

Se possível, desenhe outra estrada branca, para meus passos marcarem rastros novos.

Faça outra minha chegada.

Senhor!

Senhor!

O amor

[Interpretação: Chamissi Zauith](#)

O amor brinca diariamente em mim.

Finge esperança, canta alegria.

Depois, qual criança, rabisca o sentir, com traços disformes de fim!

Busca II

[Intepretação: Mário Aquilini Filho](#)

Busquei você na alegria da fantasia.

Busquei você no ardor do amor.

Busquei você no sonho tristonho.

Busquei. Busquei.

Não encontrei.

Busquei você, de onde vim.

Achei você, dentro de mim.

Tua presença

[Interpretação: Chamissi Zauith](#)

Tua presença marca-me transformação profunda.
Resto de risos, que é preciso seriedade para o amor.
Ruas de rezas.
Que é preciso prece para o encontro.
Rios de rosas, que é preciso perfume para o caminho.
Tua presença:
Resto de risos.
Ruas de rosas.
Rios de rosas.
O mundo?
Rastro de restos e rostos rotinas.

O que eu amo em você

[Interpretação: José Vicente Dias Leme](#)

Amo em você esta ternura de criança que me faz feliz.

Amo em você esta doçura, que nada fala e muito diz.

Amo, por que não confessar, este teu modo de ser diferente, de me ferir e me magoar, sempre diante de toda gente, para depois, com emoção sincera, dizer terno, ao meu ouvido:

Não é possível ter-se ofendido, sabe, logo será primavera.

Amo em você, este modo de ser, às vezes irritante, mau, amolante.

E assim terá que acontecer, para sempre, por todo instante.

Teus Olhos

[Interpretação: Luiz Lotfallah Miziara](#)

Teus olhos esverdeados, derramando folhagens, dentro dos meus.

Teus olhos às vezes molhados pelas brigas - bobagens,
Motivos seus, meus...

Nunca os esquecerei, fitando-me vaga-lumes,
pequeninos faróis.

Irei buscá-los sempre lume, para clarear o caminho...

Tuas mãos longas, morenas, caules de lírios, garras!
Às vezes, tão serenas, tinindo acorde em meu ser!

Busca I

[Interpretação: José Vicente Dias Leme](#)

Tenho procurado você no céu, nas flores, montanhas,
colinas, horizontes, no riso, lágrimas, paixões, dores,
folhas, riachos, estrelas, montes...

Frenética caminhada de corpo e alma, empreendo a cada
dia que amanhece.

Às vezes sem querer perco a calma.

Pés e coração sangrando. Anoitece.

Em vão. Não o encontro em nada, em nenhum lugar do
universo.

A voz em pranto, embargada, ergue-se em lamentos e
grito, num doloroso soneto, mau verso.

Quem sabe você no infinito?

(Não! Em nada mais acredito.)

Soneto ao Amor

[Intepretação: José Vicente Dias Leme](#)

Ainda bem que em minha vida, o amor surgiu alegria,
paz, carinho.

E a trajetória que parecia perdida, definiu-se em belo
caminho.

Por sendas de flores, estrelas, infinito, levando-me a
novos horizontes.

Ah! O amor belo, bom, bendito, pairando sobre rios,
lagos e montes...

Ah! Seu afeto maduro, forte, viril, pulsando emoções
junto a mim.

De janeiro a janeiro, às vezes abril.

Tem aroma de flor, talvez jasmim.

Ah! Seu amor, eterno, passageiro, valendo todo meu
viver inteiro!

Eu te amo...

[Interpretação: Luiz Lotfallah Miziara](#)

Eu te amo porque tu és o longe que se faz perto, pela lembrança marcante, das horas que vivemos antes e que continuam no depois.

Eu te amo porque tu és só um sonho, que se faz realidade nem sempre, e que me faz pensar no fim que poderia ser, embora seja eterna.

Eu te amo, porque não te fazes entrega, embora insinues, nos gestos, palavras, olhares.

Eu te amo porque tu és o azul, o frio, a chuva, o céu.

Eu te amo porque simplesmente tu te fizeste o meu amor. Só.

Chove

[Interpretação: Chamissi Zauith](#)

É primavera!

Talvez o céu seja um jardim...

E estas gotas de chuva, flores d'água.

Só você

[Interpretação: Jose Henrique de Freitas](#)

Passaram a rosa, o barco, a fé, a ciranda, o céu, a crença,
a espera.

Passaram a infância, a cantiga de roda dizendo do
bosque que se chama solidão.

O sol da idade amorenou o amor, que era branco como
lírio.

No porto - guindastes apitos de navios dormiu prá
sempre o velho saveiro fiel, abortando no bojo, o último
fruto do mar, agonizando conchas.

A mente gritou razão, ironizando percepções nascidas
do sentir, ao acaso de ternuras.

Helgen, Kelsen, Kant não mais.

Não mais Drummond, Vinicius, Cecília Meirelles,
Fernando Pessoa.

A pessoa foi-se.

Ficou a matéria, a foice.

Mãos em prece aprenderam arpejos, rezaram rouxinóis,
atingiram Deus, prá espanto dos fiéis da capela ao lado.

Na chaleira o chá esfriou o mate.

LSD resolve cores, insônias de sons, sirenes de
ambulância.

A ampulheta interior mediu flores, neves, frutos, sóis.

Todas as estações.

Anoiteceu no poente.

Turbou-se a mansidão, que era tanto paz.

E fez-se chuva, luz e barulho de tempestade.

Existência adulta.

Só você permaneceu, em ritmo de saudade, em forma de amor.

Só você restou, minha misteriosa abstração.

Tu nem sabes

[Interpretação: Mário Aquilini Filho](#)

Tenho necessidade de ti, como a planta da chuva, o
vinho da uva, o barco do mar, o pássaro do ar.

E tu nem sabes...

Quero!

[Interpretação: Luiz Lotfallah Miziara](#)

Quero barulho de pássaros, flores.

Gritos de crianças quebrando vidros de silêncios,
abrindo janelas para as cirandas.

É preciso ferir até sangrar mortalmente esta solidão
irritante, que detesto.

É preciso quebrar, moer esta quietude.

Quero sons altos, ruídos de passos, chegando
problemas, mágoas, dores.

Mas quero pôr fim a este só, sem você.

Credo

[Interpretação: José Henrique de Freitas](#)

Creio no azul, no achego, no belo, no céu, no cálice, na cadência, na ciranda, no caminho, na crença, no carinho.

Na fé, no efêmero, no eterno, no feio, no fato, no feto, no feliz, no fútil, no fácil, na flor, na filha, no fruto.

No verbo, no verso, no vir, na paz, na paisagem, no pássaro, na poesia, no som, no triste, na ternura, no tecer.

No tinir, no ter, no tom, no gesto, no gosto, na gôndola, nas gentes, no grito, no hábil, no haver, no hoje, no imenso.

No ídolo, na idade, no incógnito.

Na indiferença, no imo, no ir.

Creio em Deus.

No tudo, no todo.

E tanto!

O Poeta I

[Interpretação: Mário Aquilini Filho](#)

O poeta puxa as cobertas do que me importa.

Recosta sua cabeça no travesseiro – devaneio.

Indiferente ao extraordinário, que o arreбата, brinca de ser um deus legal um deus quotidiano...

Desenha alegrias, tristezas, rabisca estilo prá chuva, gorjeios pra pássaros cantores, estrelas pra céus de crianças. (Nestes céus há sempre muito sol.)

Justamente neste tempo, o deus legal vira poeta, brinca de rimas e versos, acha uma rima de sorte pra vida de seu amor:

Morte!

Espetáculo da vida

[Interpretação: José Vicente Dias Leme](#)

No picadeiro das almas, os sonhos dão cambalhotas,
faz-de-conta bate palmas, brincando de que me importa.

Dentro do palco dos olhos, uma lágrima artista
equilibra-se suicida, atrevidamente no fio do fingir.

As luzes da ribalta dormem ao apagar, uma a uma, no
depois que sempre vem.

Poeira, silêncio, papel, sapato.

No camarim um espelho reflete um rosto vermelho,
reflexo de um adeus.

Um adeus que teimosamente faz parte do espetáculo da
vida!

Veleiro

[Interpretação: Luiz Lotfallah Miziara](#)

Hoje, vi uma infinidade de oceanos, nuvens, água, estrelas, gentes, risos, raios de sol.

De repente, fiz um veleiro branco de meus pensamentos.

E sai, navegando você, pela saudade e nostalgia, que se faziam em mim.

Esbarrei em ondas de reflexões...

O veleiro riscou um sulco de prata respingando sentir.

Sua presença contornava o azul de mim.

Sua imagem desenhava ilhas de seus sorrisos, conchas quebráveis, em cascalhos de um pranto cinza...

Um dia... Quem sabe

[Interpretação: José Vicente Dias Leme](#)

Há de ecoar no silêncio o grito:

Liberdade.

Há de brotar no jardim a flor:

Lealdade.

E no Universo, em prosa, verso, alguém a rezar sem
dilema, sereno...

No altar moreno, de treliça, o maior poema:

Justiça!

Vontade

[Interpretação: Luiz Lotfallah Miziara](#)

Vontade de pousar minha cabeça no colo de Deus e descansar a vida.

Arranjar malas do sofrer, e partir longes, a corações novos.

Abstrair a razão, remexer a memória, povoá-la de almas azuis.

Cruzar pontes, sobre loucas cachoeiras que babam, superpondo abismos, explodindo espumas de silêncios...

Vontade de descobrir uma fonte limpa, para saciar a sede de gente, ainda não podre.

Em tudo, em todos...

[Interpretação: Luiz Lotfallah Miziara](#)

Em todo coração, há um amor, uma ilusão, um sonho.
Em todo ser, há uma dor, um ideal às vezes tristonho.

Em toda vida há uma amizade, um bem que a gente
amou.

Há sombra de uma saudade de alguém que veio e
passou.

Há em cada pessoa um poder de amar, sorrir, ser feliz,
cantar, viver, sofrer.

Há uma voz que grita e nada diz.

Em todos os lábios há restos de oração, que sobem a
Deus, bem baixinho:

Pelo mal pedindo perdão.

Pelo bem, implorando carinho.

O Poeta II

[Interpretação: José Henrique de Freitas](#)

O poeta quis colher a flor, feriu-se no espinho.

Quis correr da dor, foi parar no sozinho.

Quis cantar a alguém sua canção, sonho-desfeito.

Só pode chorar alguém, em solidão.

Bem feito!

Reflexões

[Interpretação: Chamissi Zauith](#)

Vontade de ser terrivelmente livre.

Caminhar sozinha pelo mundo de ninguém.

Colher flores, olhar estrelas, encontrar amores.

Recolher conchas, tropeçar em ondas, machucando meus pés e alma, nos corais, espinhos...

Mas, pisar e sentir meus próprios caminhos...

Saudade no Crepúsculo

[Interpretação: Luiz Lotfallah Miziara](#)

Uma saudade vem despedaçar meu coração, nesta Hora crepuscular tão triste.

Uma enjoada e grande solidão, dentro de minha alma persiste.

Há tanto de você em minha vida... Em meus ouvidos, soam expressões tão suas.

Palavras tão queridas, sons de fantasias.

Tristes ilusões.

No céu as nuvens ainda molhadas, lembram olhos parando de chorar.

Choveu nas flores pelas estradas.

Choveu nos pássaros pelo ar.

E nesta hora de tanta melancolia, tive vontade louca de chamar por você que foi minha maior alegria.

Por você, que não me soube amar.

Faz algum tempo...

[Interpretação: Luiz Lotfallah Miziara](#)

Faz algum tempo.

Não muito.

Braçadas de rosas, chegada de aroma surgia o amor.

Sorriso imenso, feliz.

Olhar calmo, quente, num jeito próprio de envolver a gente.

Absorver nosso universo, nossa realidade, verso.

Faz algum tempo, não muito.

Cavaleiro medieval, galopando nuvens, quebrando lanças, sob aros de arco-íris, por entre flores amarelas, montando selas de perfeições, apagando solidões, planejando mil viagens, desenhando paisagens de nunca partir.

Faz muito tempo, não muito chegava o amor!

Pingos D'água

[Interpretação: Antonio Aparecido da Silva Messias](#)

Que maravilha...

Pingos d'água na janela, mata verde, uma novilha,
perdida no meio dela.

Comparo estes traços, com as linhas do amor.

Não as faz nem o compasso, nem lápis, transferidor.

São muitos, são infinitos, claros, puros, indecisos, mas
são também tão precisos.

São lágrimas pelo céu choradas?

Quem os pode definir?

São beijos úmidos, pedradas, de alguém que nos quer
ferir?

Pingos riscam linhas perdidas, ou simples traços vãos...

Pingos d'água, ilusões esquecidas, no fundo de um
coração...

Poeta Pedreiro

[Interpretação: Antonio Aparecido da Silva Messias](#)

Poeta.

Pedreiro de sonhos.

Toma ternuras-tijolos da alma, construa muros de silêncios.

Abra alicerces de lealdade.

Erga paredes de possuir.

Cubra tetos de carinho.

Rasgue janelas de perdões.

Eleve portais de liberdade!

Lamento Negro

[Interpretação: Chamissi Zauith](#)

Pur amô di Deus seu dotô.

Fio meu tem corpo quente, sofre de frebe o calô.

Tem pena da gente.

Este pão qui tá no chão, impróro pru fio meu.

Tá lambendo seu cão, fiinho meu, nada cumeu.

Tá lá em casa sem cuberta, padecendo dor doída.

Sua morte já é certa, seu peito já é ferida.

Chamam a negra à porta.

Ela grita e cai ao chão.

- Sinhô, pão não mais importa.

Fiinho meu qué um caixão.

Fatalismo

[Interpretação: Chamissi Zauith](#)

O fatalismo fez-se presente no quotidiano que era simples, tumultuando a paz-azul.

Às margens da estrada, marcada de passos-rotina, deitaram-se medrosos os miosótis frágeis.

No céu os astros ocultaram-se.

No mar as aves desenharam um horizontal infinito e triste.

O barco repetiu-lhes a linha-adeus!

O Céu

[Interpretação: Chamissi Zauith](#)

O céu de mim está triste...

Vai chover.

Chorar...

Carnaval do poeta

[Interpretação: Chamissi Zauith](#)

Esquindô

Dô

Dô

D

O

R

Restos de domingos...

[Interpretação: Antonio Aparecido da Silva Messias](#)

Gosto destas manhãs preguiçosas, frias, quietas, caladas...

Sem bocejos nervosos de fábricas e trens, sem gritos histéricos de carros velozes.

Gosto destas manhãs, restos de noite, sobras de domingos.

Calçadas salpicadas de pipocas, papéis de bala, palitos de sorvetes derretidos, ingressos de cinema e teatro pelo chão.

Gosto destas manhãs, restos de domingos paulistanos...

Poeta-pescador

[Interpretação: Antonio Aparecido da Silva Messias](#)

O poeta pôs a isca do sonho no anzol da ilusão e pescou
uma estrela.

Carregou-a na cesta de fantasias.

Levou-a para a cozinha da imagem.

Alimentou os órfãos de ternura, famintos de amor.

Ah!

Poeta-pescador...

Liberdade

Interpretação: Antonio Aparecido da Silva Messias

Quero a liberdade dos raios de sol, que se repartem e se infiltram através dos vitrais das catedrais, marcando chão, sem ser ladrilho, misturando-se à canção, sem ser estribilho, sem no tempo se deter.

Quero a continuidade da linha do horizonte que, paralela o mundo, sem delinear limites ao ser.

Quero a liberdade das águas dos rios e das fontes, que correm sem se perder, sem parar nem sequer voltar...

Quero a claridade das cortinas descerradas.

Algemas quebradas, muros demolidos, cercos destruídos, laços desfeitos, findos preceitos.

Quero a liberdade do doar-se até ser pó.

Mas anseio pela liberdade do ser-se autosuficientemente só.

A liberdade do paradoxal, dirão.

Direi, a liberdade do supremo e colossal.

Quero a liberdade do saber poder entender esperar o amar.

Amar sem saudade daninha.

Gosto do nada que vai virar esta felicidade minha!

Liberdade sem laços, formando amarras.

Sem braços tecendo cesuras, abrindo sepulturas,
assinando torturas, carimbando capturas.

Sem aço forjando espadas, para matar o irmão.

Caminhai oh! Gentes pelas estradas.

Clamai: Liberdade!

Superai a crueldade.

Oh! Gente lutai.

É preciso existir.

É preciso partir da cidade, amainar a tempestade do
campo, encampado.

Tempestade que encobre o céu da liberdade.

Oh! Vós gentes pisadas, paradas, crucificadas,
espezinhadas.

Oh! Gente banida, impedida, mutilada na ação.

Começai a lutar. Começai a andar.

É hora de seguir.

Edificar. Construir.

Oh! Gente parada, ferida, contida:

Libertai! Que a luta é árdua.

Longa a caminhada. Começai comigo.

Imenso é o perigo da liberdade, temida, impedida,
massacrada.

Empreendi a jornada, oh! Gente maltratada...

Arcadas

[Interpretação: José Henrique de Freitas](#)

Arco-íris triste de urna só cor.
Alianças forjadas de metal divino.
Cinzas talvez de poetas mortos.
Mantos tecidos de pedra-lareira.
Grandes bocas, gritando silêncios.
Elos tradicionais, carinho, cultura.
Arcadas, cirandas, serenos, sorriso.
Arcos de triunfo e glória.
Academia.
Sérias, serenas, singelas, suaves, sutis.

(Às Arcadas da São Francisco)

Fato

[Interpretação: Chamissi Zauith](#)

Tantos mares por navegar, e a jangada que era nossa,
apodreceu desarmonias...

Bom dia, Senhora!

[Interpretação: José Vicente Dias Leme](#)

Bom dia, senhora de olhos tristes.

Que o sol seja seu amigo nesta hora.

Que bom saber que persistes na busca de quem a ignora.

Bom dia senhora de grandes dores, de velhas canções, tantos desamores.

Que bom sabê-la assim resignada, distribuindo sorrisos pela calçada.

Bom dia senhora de tantos anos, de ontens cheios de mágoas, desenganos.

Que bom conhecer seus sonhos repletos de tantos projetos risonhos, aceitações, fé e crença no amanhã.

Tua espera espere, não será vã.

Tragédia

[Interpretação: José Henrique de Freitas](#)

Do último quarto da casa nosso pássaro bateu asa.

Ao nosso menino amado

(Marcos Flávio)

[Interpretação: José Vicente Dias Leme](#)

Meu filho.

Filho meu, querido, filete de ouro de minh'alma.

Presença que jamais olvido, símbolo de nossa paz e calma.

Procuro-o através das estrelas, do meu próprio céu interior...

Minhas queixas, melhor retê-las para não explodir em dor.

Meu filho.

Filho meu, saudade.

Quem o separou tragicamente de nós, levando-o tão cedo à eternidade, silenciando seu olhar, sua voz.

O destino cruel.

A má sorte.

Ah! Quem o transformou em morte?

03/05/1989

Por favor

[Interpretação: Chamissi Zauith](#)

Por favor

Fique

P

R

O

F

U

N

D

A

M

E

N

T

E

Dentro de mim.

Preciso achar-me

Esta Chuva...

[Interpretação: José Henrique de Freitas](#)

Tem jeito de você esta chuva.

Chega sem avisar.

Apaga o sol.

Apedreja as flores.

Estia.

Agredir ou agradecer

[Interpretação: José Henrique de Freitas](#)

Agredir ou agradecer.

Somente uma opção entre vogais.

De consequências incomensuráveis...

Feliz Ano Novo

[Interpretação: Antonio Aparecido da Silva Messias](#)

As portas cerraram, as flores secaram.

A noite apagou o sol, a estrela primeira brilhou no arrebol, sua luz rolou pela ribanceira.

O moleque desarmou sua arapuca.

O operário desligou o maquinário.

O bêbedo fumou sua bituca.

A criança apagou a vela de um defunto.

Cantou feliz aniversário.

A mãe mudou de assunto, desfiou um rosário.

O espectador ficou numa sinuca...

Parecia que tudo terminava.

No entanto, o povo, passava, gritava, cantava.

Feliz ano novo!

Feliz ano novo!

E com aquela gente, tudo recomeçava:

A flor, a estrela, a criança, o sonho, a poesia, o amor...

A dor...

Rebeldia

[Interpretação: Antonio Aparecido da Silva Messias](#)

Sou rebelde, como o vento soprando as folhas do arvoredo, para dar lugar às flores.

Sou rebelde como o selvagens que atira no animal que passa, para matar a fome de seu filho.

Como o soldado ferido, saindo de sua trincheira enfrentando o inimigo, salvando a pátria, que lhe é desgraçadamente infiel.

Sou rebelde como o oceano, gastando-se em conchas, morrendo espumas aos pés do caçara triste.

Sou rebelde como a poesia se desfazendo em versos, desperdiçando ternuras a quem não sabe!

Sou rebelde como o raio, que se faz luz para iluminar a escuridão, muito mais.

Sou rebelde como o amor, eclodindo vidas a serem massacradas.

Sou sim...

Rebelde como Jesus criando magias, e quedando-se em solidão no Horto das Oliveiras.

Procura-se

[Interpretação: José Henrique de Freitas](#)

Alguém que saiba catalogar nuvens, arquivar estrelas,
datilografar emoções, registrar pôr-do-sol, guardar
mistérios, amar o Amor!

Mãe: Chicote na mão, salmoura no coração

[Interpretação: Antonio Aparecido da Silva Messias](#)

Mãe.

Gosto dela.

Seja branca, preta, amarela, morena, rezando, cantando, ao fogão preparando "o lanchão" pão com mortadela, peru, caviar, na mansão, na favela.

Gosto dela.

Lavando roupa, montando sela.

Gosto dela.

Sorrindo, chegando, partindo, chorando, puxando as orelhas do filho displicente, mimando-o quando triste ou doente.

Gosto dela.

Que cria o abraço. Fabrica o passo.

Aperta o laço da união.

Faz o bolo, o bordado.

Faz do tolo, o respeitado.

Com amor e devoção, dá o doce que mela, o banho que limpa.

Ela que se divide, multiplica, simplifica, sempre na dela...

Gosto tanto dela!

Quando trabalha, acerta ou atrapalha, com ternura, doçura, sempre aquela que dá amor, tira a dor, aquece o frio da vida com seu calor, gabolice, coração querido, emoção sentida.

Chicote na mão, salmoura no coração.

Gosto dela.

Que é poesia, ideal, oração, e mesmo quando se torna saudade protege seus filhos da eternidade...

Por isso e muito mais...

Gosto dela.

Mãe.

Bendito Seja...

[Interpretação: Antonio Aparecido da Silva Messias](#)

Bendita seja tua ternura que nos dá paz e esperança, tira-nos a dor, amargura, faz-nos outra vez, criança.

Bendita seja tua vida. Mansidão de gestos e decisões, bálsamo de nossas feridas, água fria em nossos vulcões.

Bendita seja tua serenidade, exemplo de viver.

Astro bandeira de lealdade que tremula no mastro gigante, que toca o infinito e silencia nosso ai.

Bendita seja, tenho sempre dito, a graça de tê-lo como pai.

Ao nosso querido Menino

[Interpretação: Chamissi Zauith](#)

Tínhamos para você um projeto de vida.

(Lindo!)

O destino para você, um projétil.

Que fatal desencontro.

Hospital São Judas Tadeu

[Interpretação: José Vicente Dias Leme](#)

Para mim, o templo mais lindo de nossa cidade:

Este Hospital.

Nele entro confiante, sorrindo, contemplando a luta contra o mal, que se trava em suas dependências.

Todos abnegados, humanos, carinhosos lutando por mil sobrevivências e saindo todos sempre vitoriosos.

Nele se cura com amizade, retidão de competência, caráter, abnegação.

Penso que Deus está sempre presente na prece sincera de cada doente, que busca neste Hospital a esperança, e através de seus médicos, sempre a alcança!